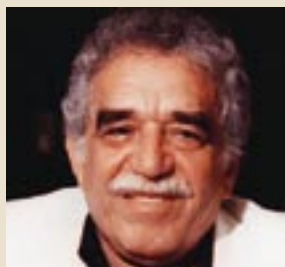


Publicamos a última das três crónicas de Gabriel García Márquez acerca do processo revolucionário português, escritas no calor dos acontecimentos que, em 1975, se sucediam em catadupa. Datados, comprometidos e recorrendo a chavões que fizeram época, estes textos valem no entanto como documentos e têm a marca do escritor de génio. As fotos são de Sebastião Salgado

O socialismo ao alcance dos militares

CRÓNICA DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ • FOTOS DE SEBASTIÃO SALGADO

De modo que o MFA não se constituiu como árbitro na disputa dos partidos, tendo antes imposto uma dinâmica própria cujo objectivo é a criação de uma base social firme em contacto directo com os camponeses. César Oliveira, que é talvez o civil mais bem entrosado com os militares, e que é um homem jovem, inteligente e um dos portugueses mais bem informados, disse-me: «A realidade é que o MFA aspira à unidade sindical e à democratização para impedir o predomínio de um partido único.» Isto quer dizer, deduzo eu, que o MFA tem a intenção de, por sua vez, se transformar em partido. «Isso não está ainda muito



GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ
Colombiano, um dos mais famosos escritores de sempre, Prémio Nobel da Literatura de 1982, o autor de *Cem Anos de Solidão* e *Amor em Tempos de Cólera*, contactou de perto com a experiência revolucionária portuguesa em 1974-1975

claro», respondeu o coronel Varela Gomes no importante Instituto de Sociologia Militar. «O que realmente sabemos é que dentro dos quartéis não haverá nunca nenhuma corrente ideológica que não esteja subordinada às Forças Armadas.» Mas o brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho, grande estratega do golpe contra a ditadura fascista, responsável pela ordem pública e um dos oficiais mais duros e radicais do Conselho Superior da Revolução, foi mais longe. «A revolução portuguesa», disse Otelo de Carvalho, «está a ser prejudicada pelo divisionismo das lutas partidárias. Se se conseguisse que as bases retirassem

MILITARES Havia quem defendesse a transformação do MFA em partido político

apoio às cúpulas dos partidos e aderissem ao MFA como força política existente no País, estou certo de que o MFA se transformaria realmente num Movimento de Libertação Nacional, e daríamos um enorme impulso a este país e a revolução caminharia com passo mais firme rumo ao socialismo que desejamos.» Otelo de Carvalho é, por isso, o promotor mais activo dos comités de defesa da revolução, semelhantes aos de Cuba, e cuja possível criação é, evidentemente, motivo de apreensão entre os partidos.

Em todo o caso, as disputas entre os partidos têm irritado os militares, criando-lhes problemas desnecessários, provocando brechas internas e fazendo-os perder um tempo que consideram irrecuperável. «A rapi-



dez do processo será um dos factores essenciais do seu êxito», disse-me um oficial do MFA. Por isso o seu descontentamento com os socialistas, na primeira semana de Junho, parecia irremediável. Muitos militares estão convencidos de que os socialistas estão a tentar travar o processo, que de um modo consciente ou inconsciente tentam acções contrarrevolucionárias de acordo com a social-democracia europeia e procuram impor um sistema que se parece mais com uma democracia liberal do que com o socialismo. Mas o que mais os aborrece e inquieta é que os socialistas dispõem, sem limitações, do imenso aparelho de ressonância internacional do imperialismo e da social-democracia. Por último, a sua recente aliança com a hierarquia eclesiástica para transformar

num problema de fundo o incidente com a católica Rádio Renascença, como já aconterá com o incidente do jornal *República*, parece a alguns militares uma provocação consciente. Mais grave ainda, porquanto a hierarquia eclesiástica foi cúmplice incondicional da ditadura fascista, e agora lançou à rua as suas pandilhas de choque e clama cinicamente por uma liberdade que durante meio século ajudou a reprimir

Muitos militares acham que os socialistas procuram impor um sistema que se parece mais com uma democracia liberal do que com o socialismo

com um silêncio complacente e participação activa. Estas acções têm, do lado da reacção, um precedente inequívoco: as greves patronais e os protestos das panelas no Chile, cujo financiamento pela CIA é agora do domínio público.

Vasco Gonçalves e a água mineral

Em contrapartida, os militares agradecem a adesão determinada dos comunistas, cuja base social orgânica e disciplinada é a única de que dispõem por agora. «A grande diferença», disse-me um operário sem partido, «é que os comunistas viveram a clandestinidade aqui dentro, enquanto os socialistas a viveram no estrangeiro.» Em Lisboa está generalizada a ►

► O SOCIALISMO AO ALCANCE DOS MILITARES

versão de que o primeiro-ministro Vasco Gonçalves é militante comunista há 20 anos. Ninguém o sabe de ciência certa, nem eu cometi a impertinência de lho perguntar, mas um socialista proeminentemente disse-me: «Se o Vasco Gonçalves não é comunista, comporta-se como se fosse.» Na minha entrevista com ele não vislumbrei nenhum indício que me esclarecesse. Pareceu-me um homem muito humano, austero, que não tinha dormido nas últimas 24 horas após o seu regresso de Bruxelas, e apesar disso evidenciava o domínio de um bom político e a prudência de um estadista. «É o único puritano em quem se pode confiar», disse-me um velho amigo seu, quando lhe manifestei a minha inquietação pelo facto de o primeiro-ministro só beber água mineral, mesmo nas festas mais íntimas. Tem contra ele a má imagem de viver no mesmo palácio, enorme e lúgubre, onde viveu até à morte o fantasmagórico Oliveira Salazar, mas Vasco Gonçalves não parece preocupar-se com as anedotas. Tal como acabava de afirmar em Bruxelas, deixa a sensação de que está disposto a conduzir Portugal para um socialismo democrático sem compromissos com os blocos mundiais, e de que tem a formação, a

determinação e a inteligência para o conseguir.

Novos e velhos oficiais

A conclusão mais clara a que se chega em Portugal é que os militares estão dispostos a fazer a revolução socialista mesmo por cima dos partidos em compita e contra a reacção interna e o boicote internacional. Para o conse-

Como conseguiram os militares de uma ditadura compreender que a mudança é impossível sem a integração com o povo?

guir, despiram o uniforme e andam em mangas de camisa discutindo com os políticos, palmo a palmo, a favor das massas. O seu slogan encontra-se por todo o lado pintado nas paredes, nos botões de lapela, em emblemas coloridos, em autocolantes de pára-brisas, e não só é muito enfático como também preciso: POVO e MFA. Quer dizer: «Povo e Forças Armadas.»

Que resultados poderá dar essa aliança? Como conseguiram os militares de uma ditadura férrea e sangrenta compreender que a mudança é im-

possível sem uma integração real com o povo? E como tomaram consciência de que a única alternativa proveitosa para Portugal é o socialismo? Estas são as perguntas essenciais para entender um processo que não tem precedentes, nem sequer no Peru, e cuja resposta é um episódio fascinante e exemplar da história contemporânea.

Na realidade, o processo foi muito simples. Quando a guerra colonial se agudizou, faz agora uns dez anos, os oficiais da ditadura, que eram aristocratas de salão, decidiram improvisar uma classe média de oficiais que servisse de carne para canhão nas colónias sublevadas. Para isso, abriram

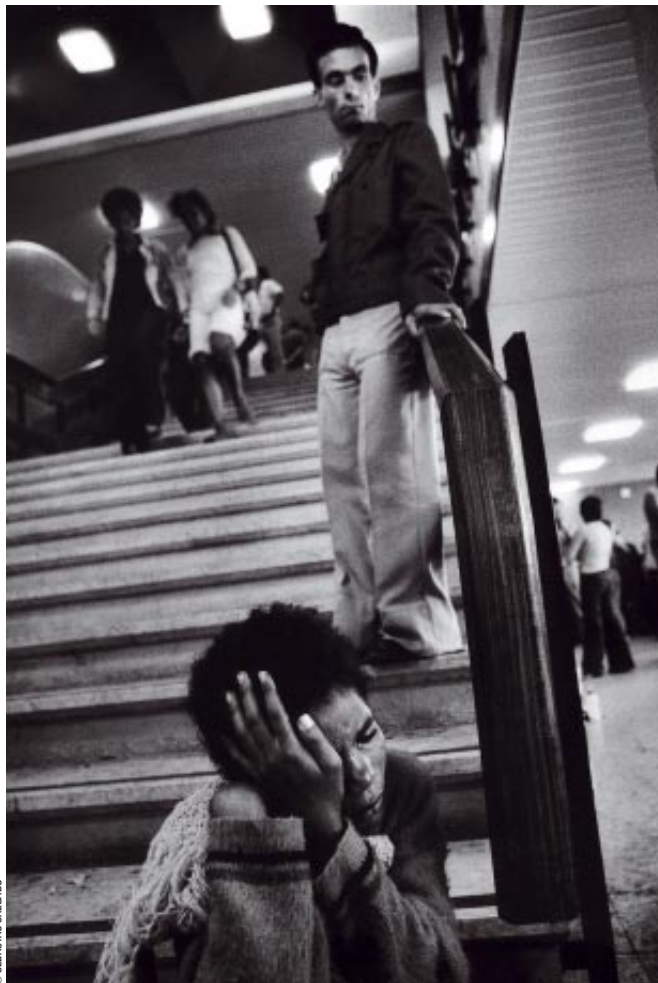
primeiro as portas da Academia Militar, onde se formavam os oficiais de carreira, e depois começaram a recrutar estudantes universitários para os transformar em oficiais milicianos com a graduação de alferes. De modo que em poucos anos alterou-se por completo a composição da classe de comandos intermédios. «Nós éramos mais sensíveis aos problemas populares do que a antiga oficialidade aristocrata», disse um oficial miliciano. «Foi, portanto, muito fácil o nosso grupo, com uma idade média de 28 anos, transformar-se

ideologicamente no sentido das aspirações populares.» Estes oficiais milicianos, antigos estudantes caldeados na luta contra o fascismo nas universidades, promoveram no seio das Forças Armadas um debate constante e profundo que levou à tomada de consciência e culminou com o derrube da ditadura. «Somos o produto da guerra colonial», disse outro oficial. «A nossa consciência formou-se nas longas noites de reflexão nos acampamentos de África, conversando com os soldados que são definitivamente os representantes do povo, com os chamados oficiais milicianos que eram os estudantes universitários e com os prisioneiros da guerrilha que nos impressionaram com o exemplo da sua decisão e confiança.» A partir de então, a ditadura estava abalada na sua estrutura medieval e condenada à morte.

Nas minhas longas conver-



MANIFESTAÇÃO Não houve classe profissional que não se mostrasse diante da Assembleia da República



© SEBASTIÃO SALGADO

© SEBASTIÃO SALGADO

RETORNADOS Mais de meio milhão de residentes nas ex-colônias regressou a Portugal, gerando problemas acrescidos num período conturbado

sas com os membros do MFA, desde generais até soldados, surpreendeu-me a propriedade da sua linguagem, a independência e clareza ideológicas, e sobretudo o elevado nível da sua cultura geral. Discuti sem convencionalismos com um antigo estudante de Farmácia de 28 anos que agora é coronel da Força Aérea, com um antigo estudante de Engenharia que agora é comandante da Marinha, com um tenente de barbearia que havia sido pescador de lagostas. O Ministro dos Negócios Estrangeiros, major Ernesto Melo Antunes, um fumador nervoso e sorridente, considerado pelos companheiros um dos ideólogos mais antigos e lúcidos do MFA, passa, quase sem nos apercebermos, de uma conversa política para uma discussão sobre literatura.

A minha conclusão final é muito clara. Pela sua origem de classe, pela sua identificação com as necessidades e aspirações do povo, pela formação ideológica e entusiasmo democrático,

o MFA está em condições de levar por diante o seu compromisso de construir um socialismo português em Portugal. Outro elemento a favor é que, a partir da tentativa fascista do passado dia 11 de Março, os elementos mais revolucionários dentro das Forças Armadas têm também poder de fogo.

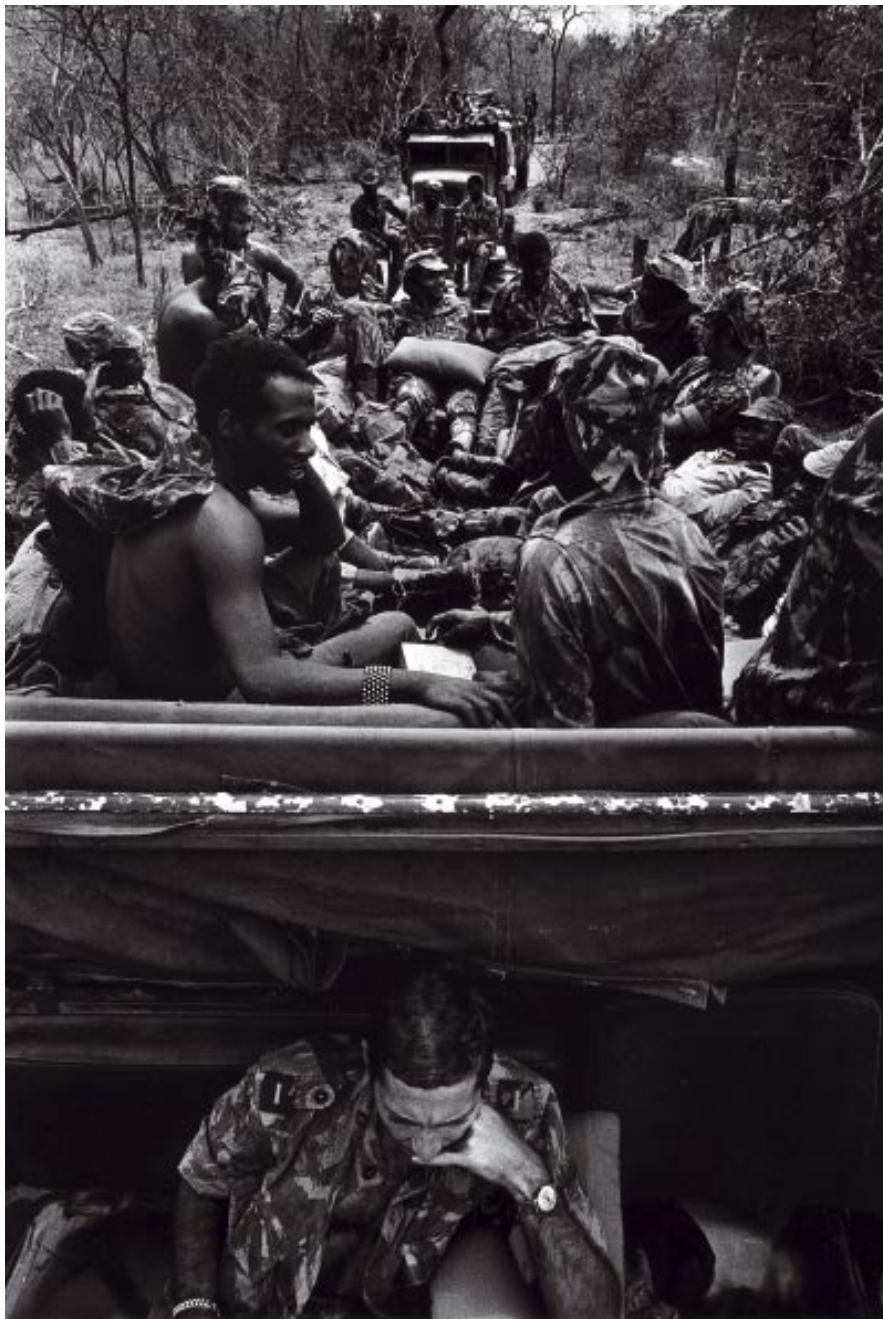
O 'complot' internacional

Infelizmente, isso não basta. O Conselho da Revolução é o mais importante órgão de orientação, rectificação e consulta, e a mais alta instância do governo de acordo com a Constituição em vigor. É composto por 38 membros de todas as armas, eleitos por votação, desde generais até soldados. O seu poder é superior ao do Conselho de Ministros,

Desde o 11 de Março de 1975, os militares revolucionários detêm poder de fogo

a idade média dos seus membros é de 30 anos, e não há motivos para crer que seja monolítico. As discussões internas, muito frequentes, são longas, tensas, e influenciadas pelas terríveis condições que o país está a viver. Mesmo assim, há motivos para crer que não existem diferenças de base e que, dentro da definida tendência de esquerda que predomina no seu seio, as grandes decisões são fruto de uma análise realista das condições do país.

Factores seriamente contrários à necessária unidade do MFA são os conflitos entre os partidos, as provocações constantes da reacção interna e externa, a incompreensão de uma extrema-esquerda que oferece toda uma série de facilidades gratuitas à provocação reaccionária e, sobretudo, o perigo crescente de uma guerra civil em Angola, onde três movimentos de libertação não arranjam forma de se entenderem. O Con- ▶



ÁFRICA Uma geração de jovens portugueses foi formada nas picadas do mato de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau

tina contra Cuba. É um vasto *complot* internacional, disfarçado de campanha democrática, para impedir que a revolução portuguesa afecte interesses que fatalmente terá de afectar se quiser de-veras chegar ao socialismo. É evidente que esta campanha está em marcha, que nela participam com grande júbilo a imprensa europeia, a televisão e a rádio vinculadas ao capital internacional e, tal como têm feito contra Cuba desde 1960, não haverá provocação que não seja tentada nem subterfúgio ou sabotagem que não seja procurado. Dada a situação estratégica de Portugal, a União Soviética e os países socialistas europeus terão de se manter a uma distância prudente do conflito.

Com a situação tal com está, Portugal só conta realmente com os seus aliados naturais do Terceiro Mundo, com os países árabes à cabeça. Mesmo assim, o seu futuro está muito condicionado ao incerto futuro da Espanha. Mas mesmo no melhor dos casos não poderá evitar o longo túnel de austeridade e sacrifícios que o povo cubano está a atravessar após 15 anos de cinto apertado. «Faremos todos os possíveis para o impedir», disse um membro do Conselho da Revolução. «Mas se nos colocarem contra a parede, estamos dispostos a enfrentá-lo.» Essa austeridade quase inevitável criará problemas em Lisboa e noutros centros urbanos, como aconteceu em Cuba, porque subsistem núcleos sociais apegados ao nível de vida artificial da ditadura. «Mas no interior não haverá problemas», disse-me um conhecido jornalista. «O nosso povo é tão pobre desde há tantos séculos que já não pode sê-lo mais nem por muito mais tempo.» No aeroporto, senti uma espécie de exaltação irreprimível que não experimentava desde os primeiros anos da revolução cubana. Aos amigos que foram despedir-se de mim, disse estar convencido de que - na minha opinião - a revolução portuguesa não precisará tanto de heroísmo como de prudência e de imaginação. «Então estamos salvos», disse-me a escritora Maria Velho da Costa. «Porque o povo português, tal como o diabo, sabe mais por ser velho do que por ser povo.» ■

© SERGIÃO SALGADO

► O SOCIALISMO AO ALCANCE DOS MILITARES

selho da Revolução tem-se mostrado renitente quanto ao envio de tropas para medear o conflito, e os próprios soldados negam-se a regressar a África quando já consideravam terminados os dias amargos da intervenção. Mas uma má solução em Angola obrigará ao regresso a Portugal de 600 mil colonos ressentidos que irão reforçar as fileiras da reacção e criar conflitos económicos e políticos muito mais graves do que os já existentes

No entanto, o problema mais urgente, o mais difícil e mais indignante, é que os países da Europa Ocidental, dominados na sua maioria pela social-democracia e pela democracia-cristã, estejam a prestar ao imperialismo americano o mesmo serviço de Caim que lhe prestaram as oligarquias da América La-

O povo português, tal como o diabo, sabe mais por ser velho do que por ser povo